



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU MIRIM
CURSO DE LETRAS

TELMA MARIA RODRIGUES MENDES

VARIAÇÃO LEXICAL: Uma análise sociolinguística na comunidade
quilombola Filipa em Itapecuru Mirim - MA

TELMA MARIA RODRIGUES MENDES

VARIAÇÃO LEXICAL: Uma análise sociolinguística na comunidade quilombola Filipa em Itapecuru Mirim-MA

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, no Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim – CESITA.

Orientador: Prof. Esp. Tiago de Oliveira Ferreira.

Itapecuru Mirim
2017

TELMA MARIA RODRIGUES MENDES

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: Uma análise sociolinguística na comunidade quilombola Filipa em Itapecuru Mirim-MA

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, no Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim – CESITA.

Orientador: Prof. Esp. Tiago de Oliveira Ferreira.

Aprovado em: ____/____/2017

1ºExaminador

2ºExaminador

3ºExaminador

À minha família, de modo todo especial à minha mãe e minhas filhas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial a Deus por ter me concedido saúde e determinação para que eu pudesse chegar a esse momento tão esperado por mim e por minha família.

Aos professores da UEMA, e amigos que me incentivaram e apoiaram do começo ao fim, dando-me suporte para a superação dos obstáculos assim como o encorajamento mútuo e necessário, pois, foi grande a honra e a satisfação em estar junto deste grupo de acadêmicos nesta caminhada, onde fora aprimorado e acrescido o conhecimento coletivo.

RESUMO

A pesquisa apresenta um estudo sobre o conjunto lexical na comunidade quilombola Filipa, no município de Itapecuru Mirim, Maranhão. A variação linguística necessita do estudo da sociolinguística, pois, o entendimento da primeira perpassa pelo estudo da segunda. Logo, este conhecimento é de fundamental importância para que se explique a forma de falar de uma pessoa, tendo em vista várias situações e ambientes em que determinada pessoa esteja inserida, em especial o contexto social. A pluralidade cultural que há no país favorece para o surgimento de palavras que possuem significados que se diferenciam de acordo com a região em que se fala. Mesmo existindo apenas um idioma, o português, há uma quantidade gigantesca de vocábulos advindos de outros países, pois o Brasil acolheu imigrantes de vários países principalmente da Europa e da África, juntamente com suas culturas. A variação linguística, em via de regra, causa certa confusão quando se confunde escrita com fala. É necessário que se compreenda que a variação linguística existe principalmente na fala e não pode ser discriminada ou marginalizar aquele que a utiliza. Como qualquer outra comunidade quilombola do Brasil, Filipa possui suas características na fala; e o que mais predomina são as palavras usadas em tempos de outrora, caracterizada como Variação Diacrônica, mas também há as palavras que possuem significados diferentes em outros lugares, que se conhece como Variação Diatópica. Em se tratando da região nordestina, as variações sempre ocorrem com as pessoas que possuem um nível de escolaridade menor ou praticamente nenhuma. O problema é que a pessoa que não conhece variação linguística acaba cometendo preconceito linguístico com estas pessoas.

Palavras chave: Linguística; Lexical; Cultura;

ABSTRACT

Linguistic variation without Sociolinguistics is together. It will be of fundamental importance to explain the way of speaking of a person, with regard to various situations and environments in which particular person is entered, in particular the social context. The cultural plurality in the country favours the emergence of words that have meanings that differ according to region. Even there is only one language, the Portuguese, in this Brazil there is a gigantic amount of vocabulary from other countries, countries, as the country welcomed migrants from various countries mainly in Europe and Africa, along with their cultures. Linguistic variation, generally cause some confusion when it gets confused with writing speaks. It is necessary to understand that the linguistic variation exists primarily in speech and cannot be broken down or marginalize that uses. Like any other the quilombola community of Brazil, Philippa has its features in speech; and what more predominates are the words used in days of yore, characterized as Diachronic Variation, but there are also words that have different meanings in other places, which is known as Diatópica Variation. In the northeastern region, the variations always occur with people who have a level of education less than or practically none. The problem is that the person that knows no linguistic variation just making linguistic prejudice with these people.

Key words: Linguistic; Lexical; Cultura;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 A SOCIOLINGUISTICA.....	10
2.1 Variação Linguística e Lexical.....	14
2.2 A linguística em um contexto social.....	15
3 ASPECTOS SÓCIO HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE FILIPA.....	19
3.1 A História da Comunidade.....	21
3.2 A Cultura em Filipa.....	23
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	29
4.1 Variação Linguística Lexical na Comunidade Filipa.....	30
5. ANÁLISE DA VARIAÇÃO SÓCIOLINGUÍSTICA EM FILIPA.....	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIA.....	46

1. INTRODUÇÃO

Na comunidade Quilombola de Filipa, no interior do Estado do Maranhão, assim como em muitas outras, a variação linguística se faz presente. Observa-se, de acordo com as amostras obtidas durante a pesquisa, que ainda existe uma forte ligação com um conjunto léxico que tem origem nas raízes do idioma português e africana que se diferem do que é usado na linguagem no cotidiano urbano, mas que nem por isso deixa de ser parte do seu dialeto.

Sabe-se que essa variação pode acontecer em qualquer ambiente, para isso, basta prestar atenção no tipo de linguagem que cada pessoa utiliza em seu cotidiano. Na área jurídica, observam-se expressões em latim ainda em uso para designar determinados termos das leis; Na educação, geralmente, utilizam-se palavras de cunho pedagógico; Na área biológica, também há diversas expressões em latim, o que também se aplica à área da medicina e enfermagem. Assim, cada pessoa repete o dialeto que se encontra presente em seu cotidiano.

No Estado do Maranhão, as variações linguísticas são visíveis, em qualquer lugar existe variação e assim o Estado não está isento disso, tanto que para a realização desse estudo, escolheu-se o povoado quilombola Filipa.

A comunidade quilombola, conhecida pela força do tradicional tambor de crioula, foi estudada no campo da sociolinguística para assim se analisar a forma como determinadas palavras e expressões resistem por tanto tempo e com a ascensão da tecnologia e os estrangeirismos que tem uma interferência direta em todo o campo da linguística. E ainda, como tais vocábulos são compreendidos pelos moradores das comunidades circunvizinhas e os zona urbana de Itapecuru Mirim e quais as palavras antigas mais difíceis de serem compreendidas pela juventude desta comunidade.

Neste trabalho, analisam-se as expressões sociais da comunidade quilombola Filipa acreditando que, nessa variação sociolinguística há uma riqueza vocabular que permite compreender os aspectos linguísticos da Língua Portuguesa.

A referida pesquisa tem em seu desenvolvimento sua estrutura voltada para a abordagem descritiva com aspectos quantitativos e qualitativos. A mesma foi desenvolvida por estas vertentes, pois é de fácil interação entre quem pesquisa e o objeto do qual se faz a pesquisa, de forma que os dados descritivos se caracterizam pela facilidade de se reconhecer um determinado dado de um fenômeno, a partir da observação, de tal modo que é possível compreender o ponto de vista dos sujeitos e a condição em que determinado fato acontece.

A realização da entrevista, outra ferramenta usada nessa pesquisa, permite coletar uma grande quantidade de informações com a obtenção de respostas contextualizadas, com a possibilidade de atingir uma determinada quantidade de sujeitos participantes, sendo de formato pessoal dá abertura para as respostas tornando-as coerentes em sua conclusão de tal modo que não haja equívocos na interpretação das respostas. Diante disto, cria-se uma possibilidade de compreensão profunda das informações, quando o questionário oferece questões abertas, que oportunizarão aos sujeitos a chance de emitirem suas opiniões diante das questões propostas.

A utilização de questões fechadas no questionário possibilita um maior relaxamento dos sujeitos no que concerne relatar suas próprias opiniões e sua posição diante de alguns temas.

O questionário visa à obtenção de informações para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados. Contudo, não há um modelo padrão com características específicas para a sua elaboração. Presume-se somente que ele possua uma lógica sequenciada de perguntas que possibilitem extrair os dados úteis e necessários ao que se propõe pesquisar.

A aplicação de questionário objetiva compreender a atuação profissional do docente sob a perspectiva da valorização através do reforço escolar, sendo este um processo contínuo de aprimoramento de cunho pedagógico, de modo que se possa refletir sobre os conhecimentos teóricos e práticos e compreender as reais necessidades e dificuldades que existem na educação com o objetivo de promover o pleno desenvolvimento intelectual e consciente do homem como cidadão.

Na realização da pesquisa com os participantes citados anteriormente, será utilizado questionário impresso que foi entregue para posterior aplicação diretiva aos mesmos.

Esta monografia está estruturada em cinco capítulos divididos entre a pesquisa bibliográfica e de campo. Onde no primeiro aborda-se sobre conceitos e variações linguística lexical, o seguinte trata sobre aspectos históricos da Comunidade de Filipa e os dois últimos, sobre os resultados da pesquisa sobre as variações linguística lexical usada por sua população.

2. A SOCIOLINGUÍSTICA

Quando se fala em linguística, deve-se lembrar das variações que há no Brasil devido as suas diversidades cultural e regional. A pluralidade cultural que há no país favorece para o surgimento de palavras que possuem significados que se diferenciam de acordo com a região em que se fala. Mesmo existindo apenas um idioma, o português, neste país há uma quantidade gigantesca de vocábulos advindos de outros países, pois o Brasil acolheu imigrantes de vários países principalmente da Europa e da África, juntamente com suas culturas.

O Brasil, antes mesmo de ser colonizado, já apresentava uma variação linguística, devido ao fato de possuir várias tribos indígenas, cada uma com sua própria língua. Mas começa a adquirir outra variação quando passa a ser colônia.

Sabe-se que a língua falada no Brasil varia em forma de dialeto e de sotaques de uma região para a outra. É do conhecimento de que essa diferença se dá também por conta de aspectos socioculturais, provocando uma pronúncia, em alguns casos, diferente daquela que a gramática normativa ensina isso devido às influências de vários povos e nações que aqui chegaram e ainda chegam trazendo em seu arcabouço cultural o idioma, a dança, a música, enfim, as características de um povo.

De acordo com as palavras de Cunha (2008, p. 27) “a língua não se apresenta uniforme e única: ela apresenta variações, conforme os grupos que a usem. Cada uma das variantes da língua usada por um grupo apresenta regularidades, recursos normais para aquele grupo, e chama-se dialeto”, assim, países como Portugal, África, Holanda, França, Itália, Japão, Alemanha, Argentina, Estados Unidos, entre outros possuem sua carga de contribuição no idioma, ou melhor, dizendo, na forma de falar do povo brasileiro.

Para Camacho, (1988, p. 29) “membros de uma nação, ligados por traços socioculturais, econômicos e políticos, tradicionalmente firmados, identificam-se e distinguem-se dos membros de outra pelo seu instrumento de comunicação”. Sendo assim, a fala de uma comunidade não atrapalhará os falantes pelo simples fato de

várias nações se estabelecerem em um só local, mas trará maior possibilidade de crescimento e aquisição de um novo idioma.

Mesmo com uma extensão geográfica bem ampla, o brasileiro consegue se comunicar de norte a sul, de leste a oeste, o educador deve valorizar os diferentes aspectos linguísticos de uma comunidade. Para o estudo da Linguística, o professor é fundamental, porque é ele que fará com que o seu aluno não seja um preconceituoso da língua. Para tal situação, Marcos Bagno (1999, p.16) afirma que:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia [...].

A variação linguística, em via de regra, causa certa confusão quando se confunde escrita com fala. É necessário que se compreenda que a variação linguística existe principalmente na fala e não pode ser discriminada ou marginalizada por aquele que a utiliza.

No curso de letras, desde os primeiros períodos se aprende sobre fundamentos da linguística e com essa disciplina se adquire o conhecimento de que há vários tipos de variações linguísticas, como por exemplo, a variação histórica, variação geográfica, a variação sociocultural entre outras. O problema é que tais variações só são conhecidas na universidade, muito pouco se aprende no ensino médio sobre variação linguística, o que acaba gerando no intelecto do adolescente certo tipo de preconceito diante de determinadas falas.

A disseminação do preconceito com o jeito de falar e a ignorância de pessoas que não compreendem a ciência chamada Linguística, tão pouco a variação linguística que há no território brasileiro. Infelizmente os alunos do ensino médio não possuem o conhecimento mais detalhado sobre a ciência chamada Linguística, os pequenos fragmentos e exemplos que explicam o que se trata são insuficientes diante de tanta gramática e de tanta literatura. Isso acaba gerando no

aluno, o preconceito linguístico que geralmente surge em meio a alguma fala de alguém menos alfabetizado ou que ainda utiliza termos antigos para dialogar.

Uma das variações que mais se destaca é a histórica, ou seja, a forma de falar dos antepassados de um povo, ou comunidade que ultrapassa gerações e não se perde, por mais que o tempo passe.

A Linguística Histórica consagrada ao estudo das mudanças que a língua sofreu no seu devir temporal precisa dos textos escritos, eles constituem a base documental que sustenta a reconstrução dos processos evolutivos sofridos pela língua na sua trajetória ao longo do tempo. (MAIA, 2012, p. 541)

Essa variação que geralmente é muito mais ouvida do que propriamente escrita, deve ser estudada justamente para que se compreenda a maneira como se falava outrora e mostrar a evolução da língua portuguesa.

Quem se detém diante de um livro do século passado nas suas primeiras edições, logo percebe que há palavras, vocábulos que por não serem utilizados, já não fazem parte do contexto atual, e que, por isso, é imprescindível o uso do dicionário. Mas nem sempre o ouvinte possui um exemplar em punho, principalmente quando está dialogando com os mais velhos e de repente surge uma palavra que está em desuso e o ouvinte não sabe do que se trata. É exatamente esse tipo de estudo que a variação histórica vai trabalhar.

Os estudos que visam a reconstrução da língua do passado dentro do seu contexto social põem alguns problemas, nomeadamente a dificuldade de obtenção de dados relativos às condições sociais de cada processo de mudança: a determinação da variação em cada momento histórico exige o estabelecimento da co-variação entre dados linguísticos e factores extralinguísticos (sociais, contextuais, etc.) que o investigador tem dificuldade em captar e analisar. (MAIA, 2012, p. 535)

O trabalho de análise da variação histórica é um dos mais complexos que há, tendo em vista que o pesquisador irá se debruçar sobre a gramática utilizada na época, o contexto social das pessoas e o momento histórico que se vai estudar. A análise da variação lexical deve ser mais profunda, observando atentamente em que parte da história tais palavras começaram a declinar e o porquê de seu quase fenecimento.

No estado do Maranhão, o trabalho de pesquisa que mais se destaca sobre variação linguística chama-se “O Maranhão na Ponta da Língua: palavras e expressões maranhenses” obra dos professores José Neres e Lindalva Barros, lançado no ano de 2011. Ainda sim, é um trabalho mais voltado para o regionalismo e não para a variação histórica.

Tal obra é praticamente desconhecida de muitos professores de linguística das universidades e do ensino médio. Isso porque estudar a linguística, a forma de se expressar de um povo requer determinação e esforço do pesquisador, ele precisa estar voltado unicamente a tal estudo. Como foi o caso da criação deste pequeno volume de palavras do maranhense, que eles mesmos afirmam que começou por um acaso, uma brincadeira que acabou evoluindo para um estudo linguístico sobre a variação linguística regional.

Sobre a composição deste volume os autores relatam que:

Os estudos de Ramiro Corrêa Azevedo, Maria do Socorro Monteiro Vieira e Elenice Vieira Melo, publicados entre as décadas de 70 e 80 do século XX, serviram [...] para que entrássemos nas veredas do falar maranhense sem muitos percalços. O amplo trabalho de Domingos Vieira Filho sobre as palavras e expressões utilizadas no Maranhão também foi de vital importância para que desbastássemos [...] O inexplorado universo da maranhensidade linguística. Outro trabalho essencial foi o pequeno dicionário elaborado por José Raimundo Gonçalves. [...] Ele elencou diversos termos e expressões que nem sempre são percebidos no dia a dia. Os artigos publicados de Carlos de Lima, [...] também guiaram nossos passos na empreitada. Barros, Neres (2011, p.9).

Ora, pelo relato dos autores, logo se percebe que o estudo das variações linguísticas de uma comunidade, por mais que se tente, jamais será algo tão simples. Por isso, se observa tão poucos estudos sobre a variação histórica de comunidades indígenas ou quilombolas ou mesmo sobre a variação linguística dos séculos passados.

Enfim, as variações linguísticas sempre irão rodear o homem, mesmo que este não perceba que está utilizando-a para se comunicar. O que falta então, é que a ciência chamada Linguística e suas variações sejam mais vivenciada e principalmente compreendida por todos os falantes da língua portuguesa.

2.1 A Variação Lexical

É praticamente impossível falar sobre variação linguística separadamente da sociolinguística. Ela será de fundamental importância para que se explique a forma de falar de uma pessoa, tendo em vista várias situações e ambientes em que determinada pessoa esteja inserida, em especial o contexto social.

Diante disso, Cavalcante (2017, p.246) fala sobre o objeto da sociolinguística da seguinte forma:

As pesquisas na área de Sociolinguística são feitas por entrevistas e/ou amostragem. O objeto da Sociolinguística é a língua falada/sinalizada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade Linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas a respeito dos usos linguísticos.

No universo do texto, pode-se perceber claramente, que o estudo da sociolinguística se dá de acordo com a fala em um determinado contexto social, esta será analisada não de acordo com as regras gramaticais, mas sim sob as condições sociais e locais onde o falante está inserido. Sendo assim, o pesquisador irá se debruçar sobre a forma de falar de um grupo, atentando para as variantes linguísticas que eles pronunciam, e posteriormente saber o porquê do uso de determinada palavra, se é típica da comunidade ou se a palavra é de tempos de outrora.

A princípio parece fácil aos olhos de qualquer pessoa, mas não é. Pois requer do pesquisador uma atenção sobre o português existente no Brasil desde o descobrimento até os dias atuais, o que implica dizer que o mesmo precisa conhecer um pouco da história da língua portuguesa no Brasil e as constantes reformas e transformações que a língua passou e ainda passa, para assim saber quando determinado vocábulo foi utilizado no país e quando caiu em desuso e que palavra ficou em seu lugar.

A sociolinguística consta com escopo de análises da linguagem em uso em seu contexto social. Seu foco se insere em avaliações de comunidades e suas variações linguísticas, bem como seus dialetos, com um conjunto de pessoas que as

interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas em respeito aos seus usos linguísticos.

Pelo foco que a sociolinguística possui, logo se compreende que tal trabalho trata-se de uma busca bastante árdua, mas muito interessante, pois serve para que todos saibam da riqueza da língua portuguesa, as evoluções que ela teve ao longo do tempo e a importância das outras línguas no desenvolvimento de um vocabulário riquíssimo como é o português do Brasil.

O termo Léxico advém do grego – lexikón – e corresponde ao conjunto de vocábulos de um idioma. Existem várias definições sobre o termo, todas são consideradas válidas. Cada língua tem a autonomia de eleger a definição que melhor se adequar às particularidades de suas unidades, porém independente de qual definição se aceite ou se dê para léxico este será, sempre, um “conjunto de unidades codificadas significativas” Rey-Debove, (1984, p.52).

Com o passar do tempo, a miscigenação linguística foi se tornando ainda mais internalizada pelas pessoas e, assim, as variações se tornaram bastante comuns; por ser um país de proporções continentais, cada região, estado ou município possuem uma forma de falar ou utilizam expressões diferentes para designar determinado tipo de objeto ou atitudes do dia a dia.

2.2 A Linguística em um contexto social

No Brasil, atualmente, são numerosas as pesquisas que visam compreender a realidade linguística de várias regiões do país. Variações estas que estão dentro de um contexto social. .

O fato de se expurgar o preconceito linguístico que ainda insiste em incomodar as pessoas que não conhecem a essência da ciência chamada Linguística. Infelizmente esse processo de pesquisa é pouco realizado e muito pouco divulgado. A mídia ainda dá ênfase apenas naquilo que a gramática normativa diz ser correto. O falar de maneira diferente, utilizando palavras de acordo

com o seu cotidiano e de sua comunidade em que vive ainda é visto como uma linguagem errada. Porém:

Dentro das comunidades – nas urbanas mais, do que nas rurais – existem diferenças entre as várias faixas da população: entre pessoas de várias classes sociais ou níveis de renda e de escolaridade, entre grupos étnicos, entre faixas etárias, entre homens e mulheres [...] A conclusão dessas observações é que a variação linguística está presente em todos os aspectos da linguagem e tem que ser lembrada em conexão com qualquer programa de ensino de línguas. Esta é a realidade linguística que faz parte da experiência de todo falante (GUY E ZILLES, 2006, p. 42).

Compreender a sociolinguística é de suma importância tendo em vista que o preconceito linguístico ainda se faz muito presente em meio a sociedade. Então os autores acima colaboram para a ideia de que o estudo da sociolinguística é importante para que as pessoas venham a entender que as diferenças linguísticas estão em todos os ambientes.

Por várias vezes as pessoas que menos possuem instrução escolar são discriminadas por alguma palavra que pronunciada de maneira “errada”. Todavia, nem sempre há “erro” naquilo que se fala, é importante compreender que:

Para a Sociolinguística as diferenças Linguísticas observáveis nas comunidades em geral são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. Preconceito Linguístico – é a não aceitação da diferença Linguística, é um comportamento social facilmente observável. Ocorre com a rejeição a certas variedades, concretizada na desqualificação de pronúncias, de construções gramaticais e de usos vocabulares, é compartilhada sem conflito pelo senso comum. (CAVALCANTE, 2017, p. 251)

Ao contrário do que se pensa, o preconceito linguístico está inserido em todos os lugares, desde uma entrevista de emprego até uma simples correção feita por um professor de forma áspera ou no ambiente impróprio; muitas vezes esse preconceito se manifesta até dentro dos lares das famílias, onde há idosos, estes que são corrigidos pelos mais novos, como se eles estivessem praticando algo errado.

Eis o grande erro, o julgamento dos falantes, pois Martelotta, (2009, p.19) diz que “cada grupo social tem um comportamento que lhe é peculiar e isso vai manifestar também na maneira de falar de seus representantes [...], um grupo social menos favorecido têm características de fala distintas dos indivíduos de classe favorecidas”.

Falar com termos de outrora, ou utilizar expressões regionais de lugares diferentes de onde se está, nunca foi errado, muito pelo contrário, é a prova de que a língua portuguesa sobrevive mesmo que o tempo passe e que sempre há espaço para que outras palavras adentrem em outras localidades. Todavia, isso pouco é lembrado pelos professores de língua portuguesa, em especial do ensino básico ao ensino médio.

O que se busca nas escolas é apenas o aprendizado da língua portuguesa que a gramática ensina; os aspectos da linguagem e principalmente da variação e da sociolinguística são deixados de lado, a respeito disso, Lucchesi (2006, p.107) afirma que: “No que concerne especificamente à realidade brasileira, devemos ter em mente que, a clivagem sociolinguística aqui revelada nada mais é do que, o reflexo de uma injusta e inadmissível divisão da sociedade brasileira”. E nessa separação lamentavelmente, a mão do professor está também inserida, criando assim no íntimo do aluno a chaga do preconceito que vai dividindo as classes.

Na citação acima, Lucchesi afirma que não é pela linguística que causa o afastamento ou o preconceito, mas sim a divisão das classes sociais no Brasil, o que é um problema muito mais político do que propriamente linguístico. Se o indivíduo pertence a classe social alta ele deve falar de maneira rebuscada, com todas as regras da gramática normativa bem empregadas, mas se o mesmo pertence a classe média ou classe baixa, isso quer dizer que ele deve falar de maneira mais popular possível, com excesso de senões, como se fosse um analfabeto.

A sociolinguística faz compreender que o que pode ser errado para determinada classe social, pode ser entendida como correta no meio em que ela é utilizada, e que outra palavra ali não caberia. Destarte, diante da importância da sociolinguística, Cavalcante (2017, p. 252) faz a seguinte afirmação no tocante à Sociolinguística:

A Sociolinguística estuda a língua em toda a sua variedade. Ela considera a variação Linguística um fato que deve ser explicada: Quais são as formas de variação? Quais são as causas da variação? Quais são as funções de tanta variação nas línguas? Qual é a relação entre essa variedade e o uso social que é feito da língua?

Então, diante da citação acima, observa-se que o estudo da sociolinguística ajuda o pesquisador, o estudante, o próprio professor a compreender as diferentes variações que há na língua, perpassando pelos motivos da existência dessas variantes até chegar ao indivíduo que a utiliza no dia a dia comum.

As explicações servirão para que o preconceito venha a ser suprimido pelo conhecimento. A verdade é que o povo brasileiro por pouco conhecer sua história tende a errar em todos os aspectos, inclusive no conhecimento de sua própria língua.

O que se torna interessante é que só com o estudo da sociolinguística será possível saber como se dá a transformação da fala de uma determinada sociedade ou grupo social, é por isso que, Naro e Scherre, (1991, p. 9) afirmam que:

A comunidade de fala pode estar caminhando em diversas direções, no sentido que alguns grupos de falantes podem estar no processo de aquisição de forma enquanto outros estão, ao mesmo tempo, perdendo a forma. Alguns grupos podem estar ainda estáveis, mostrando padrões típicos de variação estável, de tal forma que para eles não há, portanto, processo de mudança em curso.

Ou seja, a todo o momento, sem que alguém se dê conta, a metamorfose linguística está ocorrendo. Nesse sentido é possível compreender que os avanços ou estagnações da fala estão entre as pessoas e não são perceptíveis a não ser que exista um estudo específico, que busque saber, o que aconteceu para que determinadas palavras desaparecessem ou permanecessem em uma sociedade ou grupo social.

Muitas vezes algumas pessoas se deparam com livros didáticos que contém palavras que já não são mais cotidianas e que foram substituídas por outras. Em livros da literatura brasileira, em especial os mais antigos das escolas que antecedem o pré-modernismo, observa-se muitas palavras que praticamente são impronunciáveis nos dias atuais, tanto que alguns leitores precisam do auxílio de um dicionário para entender tal frase devido o vocábulo arcaico que nela existe.

À exemplo, quem lê Machado de Assis, José de Alencar, Pe. Antônio Vieira ou mesmo Gregório de Matos Guerra geralmente encontra dificuldade em algumas palavras por eles escritas, já que não são tão utilizadas.

Diante deles, com a linguagem culta que tais escritores utilizavam em suas respectivas épocas, mais parece que eles falavam corretamente e o indivíduo atual é que deturpa a língua portuguesa. Não é bem assim que a coisa funciona.

É preciso compreender que falar bem não é ser capaz de adequar-se as regras da língua, mas usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação.

Porque algumas pessoas insistem em falar de forma rebuscada, ala Machado ou Alencar em detrimento do português atual? Se para Marchuschi falar bem é simplesmente a adequação da língua em contexto, onde está o erro das pessoas que não falam de acordo como os grandes escritores falavam ou como a gramática dita? Onde está o erro da fala das pessoas menos escolarizadas, que não tiveram acesso à educação e que conseguem se comunicar apenas com a língua materna adquirida em suas respectivas comunidades de falantes?

Acredita-se que antes de responder tais questionamentos, é preciso compreender as evoluções que a língua portuguesa sofreu ao longo dos séculos e que foram de suma importância para o crescimento do vocábulo brasileiro, tanto que, há ainda quem se apegue aos termos utilizados outrora, acreditando piamente que aquilo se configurava na beleza da famigerada língua portuguesa. E também é preciso compreender que, para que o processo de substituição existisse, foram anos e anos utilizados para determinado vocábulo viesse a se firmar.

3. ASPECTOS SÓCIO HISTÓRICOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA FILIPA

O Quilombo de Filipa encontra-se no município de Itapecuru-Mirim, Maranhão. Suas coordenadas são: 44° 21' 31" longitude oeste, -03° 19' 34" latitude.

A comunidade nasce com o nome de Barriguda, por conta da serra que parecia uma barriga de grávida. Depois Morro de Filipa, ficando no registro do documento da comunidade apenas Filipa. Filipa é o nome da primeira fundadora da

comunidade, bisavó de Dona Nielza. Conta Dona Nielza que Marcos, filho único de Felipa, conheceu o lugar e convidou sua mãe para morar lá.

A documentação, que ficou no nome do Sr. Miguel, o mais velho da comunidade, já falecido aos 96 anos de idade, data de mais ou menos 1946, contendo 556 hectares e 32 acres. Hoje a mais velha é a Dona Minelvina. Há uma história de resistência do lugar contada pela história oral. Do total de hectares das terras da comunidade, a mesma diminuiu mais da metade. Parte das terras foi vendida por um primo do “Seu” Miguel, chamado Luís, para o Prefeito de Cantanhede (Hilton Rocha). O INCRA resolveu lotear e uma parte foi perdida.

Hoje são 48 famílias e a comunidade que conta 429 hectares de terra, já possui documentos para ser certificada. O título de quilombo ainda não foi dado.

Alguns problemas apontados pela liderança local (Dona Nielza):

1. Não tem um centro comunitário;
2. Falta escola adequada para atender as crianças e adolescentes da comunidade;

A escola existente, com uma só classe, encontra-se fechada, aguardando a reforma e que já existe um projeto para implantar o laboratório de informática na comunidade, o qual as/os moradoras/es estão com receio de perder porque até agora nada foi feito na escola.

3. A água, que é do poço, não é suficiente para atender às necessidades da comunidade;
4. A igreja é pequena para o tamanho da comunidade.
5. Não tem creche.

A vontade das pessoas que moram na comunidade é que a cada dia que passe o local melhore.

A comunidade já possui:

- um caminhão para escoar sua produção;
- trator pequeno (Jeriquinho);
- uma Kombi (que atualmente faz o traslado dos alunos da comunidade para a Sede onde estão estudando). A Secretaria de Educação do Município paga o motorista e a gasolina.

- pequena usina de arroz;
- casa de farinha (necessitando de ampliação);
- um açude onde criam peixes;
- Associação São Sebastião dos Produtores Rurais da Comunidade de Filipa (Dona Nonata é atual presidenta);
- 44 casas de alvenaria (sendo 19 casas conquistadas através da Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - ACONERUQ e 25 casas por intermédio de convênio com o INCRA);
- posto de saúde visitado por médico mensalmente.

Apesar dos avanços e conquistas da comunidade independente de etnia ou credo, e falta de assistência governamental e social.

3.1 A História da Comunidade

A comunidade quilombola de Filipa fica localizada a 12 quilômetros de Itapecuru-Mirim, zona rural do município. Ao adentrar na estrada de terra onde há predominância de mata, surpreende-se ao chegar à comunidade e ver que o desenvolvimento e o progresso estão aos poucos sendo implantados no lugar.

A história da comunidade aponta o seguinte, de acordo com o que se colheu como relato espontâneo de moradores, a comunidade nasce com o nome de Barriguda, por conta da serra que parecia uma barriga de grávida. Depois Morro de Filipa, ficando no registro do documento da comunidade apenas Filipa. Felipa é o nome da fundadora da comunidade, bisavó de Dona Nielza. Esta por sua vez conta que, Marcos o filho único de Felipa, conheceu o lugar e convidou sua mãe para morar lá. A documentação, que ficou no nome do Sr. Miguel, o mais velho da comunidade, já falecido aos 96 anos de idade, data de mais ou menos 1946, contendo 556 hectares e 32 acres. Hoje a mais velha é a Dona Minelvina.

Observa-se que apenas uma família resolveu entrar nas terras e residir no lugar, dando assim origem a comunidade Filipa. Quem mora no município de Itapecuru, sabe que existe outro povoado chamado de Barriguda e que fica bem próximo, mas no momento do registro em homenagem a primeira fundadora do lugar eles decidiram colocar o nome dela.



Fonte: O autor, 2017

No dia 05 de agosto de 2010, chega à comunidade "O Projeto Geografia Afro-Brasileira: Educação e Planejamento do Território", cujo responsável é o Prof. Rafael Sanzio, da UnB - Universidade de Brasília. Ele e seus alunos foram desenvolver a Oficina Temática: A África, o Brasil e os Quilombos - Heranças Geográficas. Tal oficina contou com o apoio logístico e a participação de membros do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Etnicorracial do Maranhão e do IFMA.

A comunidade recebeu a certidão de comunidade remanescente quilombola em 25 de maio de 2005 expedido pelo Governo Federal. E hoje é considerada como uma das maiores comunidades de resistência negra do município. Filipa respira cultura e desenvolvimento, muito embora a religião do tambor de mina, que pertence aos negros, não faça parte de sua cultura, o tambor de crioula está enraizado na comunidade, que ao longo do tempo vem preservando tal manifestação. Os mais velhos passando para os mais novos a cultura do tambor de crioula para que seja perpétua a manifestação dos antepassados que foram escravizados. É uma das comunidades mais fortes no que tange ao tambor de crioula, assim como Santa Rosa e Santa Maria dos Pretos.

De acordo com Rosijane Silva:

Toda essa gama de influencias herdadas da construção social das comunidades remanescentes de quilombos, está presente no cotidiano de Felipa. São expressas pelos laços de união entre seus membros, pelo

orgulho da herança cultural e da ancestralidade negra, pela valorização do tambor de crioula (manifestação tradicional de alegria que guarda muita da alegria e do batuque dos tambores africanos) e da festa do padroeiro São Sebastião, bem como pelas batidas do *reggae* incorporado mais recentemente e muito apreciado entre os jovens. [...] Em Filipa o legado e as singularidades culturais organizados em padrões muito particulares reforçam a participação e o protagonismo da comunidade na implantação e gestão do turismo que deseja e na construção de um desenvolvimento que seja endógeno e sustentável (SILVA, 2017, p.6)

Isso implica dizer que a comunidade está bem organizada, fazendo com que a Filipa se torne um ponto de atração turística muito em breve. Isso porque a comunidade já faz parte do Ponto de Cultura do Maranhão selecionada ainda no ano de 2009 pelo Ministério da Cultura.

3.2 A Cultura em Filipa

É importante destacar aqui a festa religiosa em comemoração ao dia de São Sebastião, isso porque, a festa é comemorada no mês de Outubro, tendo em vista a impossibilidade de ser realizada no mês de Janeiro devido ao período chuvoso. Outro detalhe é que em Filipa não há nenhum terreiro de umbanda, algo muito peculiar das comunidades quilombolas e remanescentes de quilombos. A fé professada na comunidade é a Católica, tanto que ainda é muito comum encontrar no interior das casas quadros de santos da Igreja católica.

Lá em Filipa o *reggae* está bastante enraizado, não apenas naquela comunidade, mas na maioria das comunidades quilombolas do município. Tal tradição genuinamente maranhense é um dos pontos fortes em datas festivas na comunidade, e sempre ocorre depois das festas religiosas.

O nome mais popular da comunidade é o de Nielza Santos. É ela que representa a comunidade em eventos pelo Brasil e pelo mundo.

Levando ao conhecimento de todos, os problemas enfrentados no dia a dia pela comunidade no intuito de buscar melhorias e maior desenvolvimento. Seu trabalho, junto da Associação São Sebastião tem um bom êxito, tanto que a comunidade já possui diversos benefícios já citados neste. Para atender tanto Filipa quanto outros povoados e hoje o SESC (Serviço Social do Comércio) está presente na comunidade desde o ano de 2015 com a Educação de Jovens e Adultos.

Sua importância se tornou gigantesca ao ponto de entrar para o panteão dos Itapecuruenses Notáveis, livro da pesquisadora e imortal Jucey Santana, lançado em 2016 que contém boa parte dos grandes nomes de pessoas que contribuíram para a historiografia, e economia da cidade de Itapecuru-Mirim. Em tal livro está escrito sobre Nielza:

Como líder comunitária Nielza sempre foi o ponto inicial e final dos acontecimentos da comunidade Filipa. Com sabedoria ímpar e convicção, é incansável na luta pelos direitos, cidadania, valorização e união daquela população quilombola, diretamente ligada a ela por sanguinidade. Nada é resolvido sem que Nielza seja ouvida. (SANTANA, 2016, p.317).

A lavradora que se tornou professora é figura ímpar dentro da comunidade, tanto que aquele que visita a comunidade é recebido por ela para colher às histórias locais, d. Nielza sem sombra de dúvidas “é um exemplo para outras mulheres, que lutam por questões sociais, ambientais, financeiras e a preservação da cultura ancestral” (SANTANA, 2016, p.318). As cantorias, os versos improvisados, são características do acolhimento que a quilombola dá ao visitante, fazendo com que todos se sintam bem ao chegar à comunidade.

Sua labuta pela melhoria e progresso da comunidade já fez com que ela fosse até o continente africano e dessa viagem, a líder do quilombo trouxe investimentos para dar início a mais projetos de sustentação econômica e social para Filipa. É com certeza um dos grandes nomes dos quilombolas no município de Itapecuru-Mirim.

Assim, a comunidade quilombola de Filipa possui projetos financiados pelo governo federal e também do exterior que ajudam na economia do quilombo. A piscicultura e a fabricação de farinha na comunidade são bastante fortes, e é muito valorizada pelos quilombolas, mais há outras fontes de renda, como afirma Silva (2017, p 48):

De acordo com dados do Centro de Cultura Negra do Maranhão através de informações coletadas pelo Projeto Vida de Negro-PVN (Relatório PVN, 2002) a economia de Filipa, voltada para a subsistência baseia-se na criação de animais de pequeno e médio porte, na agroindústria caseira e na agricultura familiar. A maior parte dos comunitários tem produções próprias ou comunais no sistema de meia com outras famílias, os excedentes são comercializados no município de Itapecuru e em outras cidades de região: farinha de mandioca principalmente, mas também feijão, milho, frutas e peixe, ainda produzidos por meios artesanais passados de geração em

geração e mais recentemente por processos mais produtivos orientados por técnicos especializados.

Ou seja, a comunidade está se tornando um polo de desenvolvimento econômico no município. Acredita-se que, se o poder público realmente investisse ainda mais no povoado, Filipa há de crescer ainda mais e contribuirá significativamente para o município de Itapecuru-Mirim. Se os projetos que contemplassem as comunidades quilombolas, no que diz respeito à merenda escolar fossem colocados em prática pelo município, crer-se que Filipa iria contribuir ricamente com seus produtos.

Todavia, enquanto isso não ocorre, a comunidade busca outras parcerias com outros órgãos do governo, como foi o caso do Projeto de Combate à Pobreza Rural – PCPR, que foi um acordo de empréstimo financiado pelo Banco Mundial no intuito de reduzir a pobreza nas comunidades quilombolas e rurais do Maranhão.

A Filipa foi contemplada com quatro projetos financiados pelo PCPR, importando no total de R\$ 197.975,00 (cento e noventa e sete mil, novecentos e setenta e cinco reais). Esses recursos foram destinados ao financiamento de várias obras, dentre elas uma barragem; uma rede de distribuição de água, 19 unidades residenciais; uma ponte; fossas e uma casa de farinha. (SILVA, 2009, p. 8).

Pode-se dizer que a comunidade se divide no antes e no depois desse projeto, pois o pesquisador que busca conhecer sobre a comunidade, encontra todas essas obras concluídas. Porém, ainda existem várias necessidades que precisam ser supridas, a exemplo: a falta de água para a casa de farinha, que Nielza e os demais da comunidade estão buscando solucionar.

Assim que o pesquisador chega ao quilombo de Filipa e passa alguns minutos dialogando com d. Nielza, logo percebe que há na líder da comunidade uma inquietação no que diz respeito à preservação das histórias do lugar. Para ela seria fundamental que existisse um livro que guardasse em suas páginas a historiografia do quilombo desde a sua fundação até os dias atuais, pois apenas as narrativas orais podem se perder no tempo.

No tocante a essa preocupação de Nielza Santos, crer-se que ela seja bastante pertinente, pois com o passar do tempo algum detalhe da história pode ser esquecido, principalmente pelos mais velhos, até porque de acordo com Hampaté

Ba (apud CALVET, 1978, 2011:55) “um velho que morre é uma biblioteca que se incendeia”.

Ou seja, a história que cada ancião traz consigo, enriquece a cultura do lugar, uma vez perdida, pelo descompromisso em propagar as narrativas orais, não se pode mais reviver, o que se pode é talvez inventar e muitas vezes esse inventar não traz em seu arcabouço as verdades e as características da comunidade. E como ainda não há uma escola na comunidade que tenha como projeto o resgate e difusão dessas histórias, torna-se ainda mais algo bastante fácil de cair no esquecimento.



Fonte o autor 2017

Por enquanto as lendas, os costumes, as tradições, histórias e estórias do quilombo de Filipa continuam sendo passado de geração em geração pela oralidade e pelos relatos, hoje registrados em vídeos e trabalhos científico-acadêmicos, de universitários que vão até a localidade pesquisar.



Fonte o autor 2017

O Tambor de crioula dança típica comum em todo o Maranhão, é também uma das maiores riquezas da cultura do povoado Filipa. Já é tradição na comunidade e o grupo de brincantes adultos além de manter muito forte a presença desta dança na comunidade, ainda leva sua cultura para se apresentar em todo o município e em muitos outros em todo o Estado.



Fonte o autor 2017

A cultura do Tambor de Crioula, assim como várias outras manifestações culturais, é uma herança da cultura africana trazida para o Brasil pelos negros que foram trazidos como escravos. Esta se faz presente de maneira muito forte em todas as comunidades quilombolas do Maranhão. Porém nesta comunidade especificamente é como se poderia dizer a alma da cultura da Filipa.

Diante dessa realidade, pode-se afirmar que na comunidade torna-se fácil compreender que não há unidade, mas sim pluralidade cultural, uma vez que a

[...] cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (SILVA, 2006, p. 01).

Segundo Oliveira e Isquierdo (1998), pode-se considerar que as palavras são o método que possibilitam interação entre os sujeitos e mantém a comunicação no ambiente que estão inseridos; uma vez atribuindo significado às palavras, depara-se com uma faceta que possibilita aos sujeitos a comunicação.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Os resultados desta pesquisa obtiveram-se com a utilização da coleta de dados via pesquisa de campo e bibliográfica. Para a análise dos mesmos, foram feitas entrevistas com os quilombolas do povoado Filipa, observação, que se dera diante das reuniões que eles fizerem, e também a pesquisa bibliográfica. Enfim, foi feito um estudo aprofundado sobre a temática que serve de embasamento para o produto final, que é analisar a linguagem social no povoado Filipa.

O questionário utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa foi elaborado com o intuito de se levar em conta as várias possibilidades de respostas e que os mesmos fariam parte, mas apesar da criação do mesmo ter sido baseada nos citados anteriormente, passou por muitas revisões e adaptações com o objetivo de adequar à necessidade.

Como qualquer outra comunidade quilombola do Brasil, Filipa possui suas características na fala; e o que mais predomina são as palavras usadas em tempos de outrora, caracterizada como Variação Diacrônica, mas também há as palavras que possuem significados diferentes em outros lugares, que se conhece como Variação Diatópica.

Foi o que se observou ao longo da entrevista com Nielza Santos, onde se inquiriu sobre alguns aspectos da comunidade e ao longo deste diálogo, nas respostas da mulher, conseguiu-se analisar algumas palavras que já não se usa com tanta frequência pelas pessoas.

Reportando-se a essa questão, sobre palavras que pouco se utilizam diariamente ou na zona urbana, vale mencionar os autores Ilari e Basso (2012, p. 134), que corroboram com o pensamento de que:

Analisando do ponto de vista histórico, o léxico do português brasileiro aparece como sendo resultado de um longo processo adaptativo, no qual muitas palavras antigas se perdem ou só sobrevivem com novas funções e novos valores, ao mesmo tempo em que novas palavras vão sendo constantemente criadas.

Durante a entrevista feita com Nielza, ficou visível à existência da variação geográfica, pois palavras que foram utilizadas são reconhecidas com outra

nomenclatura, mas muitas vezes as pessoas menosprezam pelo simples fato de não ser alguém que possui um nível de escolaridade elevado. Sobre isso, vale ressaltar as palavras de Antunes (2009, p. 25), onde ele afirma que, “não existe língua feia ou deselegante; não existe língua que se degrade que entre em decadência. O que existe é língua que muda que varia que incorpora novos sons, novas entonações”. Sendo assim, as palavras utilizadas por d. Nielza possuem seu valor cultural e linguístico e deveria ser bem acolhido por quem está ouvindo, devido à riqueza oriunda de um povo que a cada dia procura vencer as barreiras impostas pelas dificuldades de se ser quilombola em um país que outrora escravizava.

Como o quilombo foi criado por uma escrava alforriada, é natural que sua maneira de falar tenha alguma diferença da maneira de falar das pessoas que moram na sede de Itapecuru-Mirim e que possuem a toda hora as influências dos meios de comunicação.

De acordo com as palavras de ANTUNES (2009, p.22).

Pensar numa língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (principalmente daquelas de meios rurais ou de classes sociais desfavorecidas) e que tem confundido, há séculos, os professores de língua.

Irlandé, (2009) em seu livro *Língua, texto e ensino*, afirma simplesmente que quilombolas ou pessoas que não possuem um nível de educação escolar superior, ou mesmo as que não foram escolarizadas, não precisam ter vergonha da maneira de falar, porque a língua portuguesa no Brasil é plural, ou seja, não segue uma linha de pronúncia certa ou errada, ela é rica, é variada e por tal razão não deveria existir espaço para o chamado preconceito linguístico.

4.1 Variação Linguística Lexical na Comunidade Filipa

Para a realização desse simples levantamento, utilizou-se uma pequena entrevista com uma das líderes da comunidade, Nielza Santos, e durante o encontro, foi possível observar que ela ainda utiliza determinadas expressões pouco usadas no cotidiano, principalmente na zona urbana de Itapecuru.

É interessante observar que as palavras são pronunciadas com uma facilidade e simplicidade durante o diálogo, tanto que só depois, com a gravação em punho é que se percebe que determinados vocábulos estão fora de circulação em alguns lugares.

Algumas palavras que são pronunciadas na Filipa, comunidade quilombola de Itapecuru-Mirim.

SEDE	FILIPA	INTERPRETAÇÃO
TRISTE	BROCOXÔ	Pessoa que está se sentindo pra baixo.
TRONCO	CEPO	Uma espécie de banco feito de um tronco de árvore.
MURRO	CHAPULETADA	Porrada, geralmente no nariz.
GALERA	PATOTA	Grupo de pessoas, geralmente jovens que gostam de sair.
ALOJAR	ABOLETADO	Ficar em casa, deitado no quarto.
VALENTE	AFOITO	Aquele que não tem receio de nada, que encara a situação sem se importar com as consequências.
FURUNCULO	CABEÇA DE PREGO	Furúnculo que nasce nas partes mais sensíveis do corpo.
ARREBENTAR	ESCANGALHAR	Causar estrago ou dano em alguma coisa ou lugar e/ou causar confusão em determinado ambiente.
BRIGA	SALSEIRO	Desorganização, bagunça feita por duas ou várias pessoas.
IDEIA DE REPENTE	VENETA	Ter uma ideia repentina, do nada, inventar de fazer algo sem ter planejado a ação que irá praticar.

Fonte: A entrevista senhora Nielza Nascimento dos Santos



Nielza Nascimento dos Santos, uma das líderes da comunidade quilombola.
Filipa, 2017.

Estas informações foram adquiridas através de entrevista concedida pela senhora Nielza Nascimento dos Santos outubro de 2017.

Acadêmica – AC: Como se deu a fundação da comunidade de Filipa?

Nielza: Olhe, a fundação de Filipa se deu com minha bisavó Maria Filipa, (*vamos sentar ali perto daquele cepo, pra lhe contar como foi*). Então, o povoado foi fundado por ela que era escrava liberta. Ela morava na Rampa, em Nina Rogues. Aí ela tinha um filho chamado Marco que veio caçar aqui nessa mata e se agradou desse lugar. Chegou em casa disse pra minha bisavó que queria vir morar aqui e ela veio, olhou se agradou e fizeram a primeira casa.

Acadêmica: Então o nome da comunidade é por causa de sua bisavó?

Nielza: Sim, mas veja bem: o nome que botaram primeirinho foi Barriguda, só que aí depois, Marcos casou com uma codoense; e daí veio uma geração: que Marcos teve meu pai, Hipólito, José, João, Abel, Aristide, com o passar do tempo eles deixaram o nome de Barriguda e passaram a chamar Morro da Filipa.

Acadêmica: A comunidade enfrenta algum problema de conflito entre vocês mesmo?

Nielza: Não, nossa comunidade é bastante unida, mas de vez em quando uns meninos novos aí se estranham, bebe e ficam *afritos*. Mas os mais velhos sempre dizem pra eles sossegarem e assim não se deixa que o *salseiro* vá adiante.

Acadêmica: Quanto à preservação cultural, vocês trabalham nesse sentido, de os mais novos levarem adiante o tambor de crioula da Filipa?

Nielza: Aqui em nossa comunidade, a gente tem o ponto de cultura. E é um objetivo que a gente sempre tem o maior prazer que é essa juventude continue com nossa cultura, a gente sabe que as *patotas* estão aí para tirar nossos jovens do bom caminho, mas nós sempre estamos conversando com eles para que a comunidade nunca perca a imagem.

Acadêmica: No próximo mês será comemorada a festa de São Sebastião, porque vocês comemoram em Outubro e não em Janeiro na data do santo?

Nielza: Antes de d. Nielza responder apareceu uma senhora, perguntando pela estava doente: *(ela tá lá dentro toda brocoxô por causa da cabeça de prego que saiu debaixo do braço dela)* assim que a pessoa sai, ela responde a pergunta dizendo: Olhe, nossos antepassados começaram a festejar assim, porque como em Janeiro chovia muito, impedia que os moradores saíssem em procissão por aqui, era muita lama, daí resolveu-se comemorar em Outubro. A gente tentou fazer na data certa, mas não teve tanta força como tem no mês de Outubro, acho que o próprio santo não deve ter gostado.



Foto da Missa de São Sebastião na comunidade Quilombola Filipa, 2017.

Acadêmica: Aqui vocês vivem também de produtos da agricultura, esses produtos são vendidos em Itapecuru ou é de subsistência?

N: Também, mas nós vendemos nossos produtos lá em Itapecuru, aqui a gente não fica *aboletado* não, a gente vende a farinha, o arroz, o peixe, o abacaxi, tudo aqui é vendido lá e compartilhado com a comunidade.

Acadêmica: E o tambor de Crioula, tão conhecido na cidade de Itapecuru, vocês ensinam para as crianças? Há algum projeto de preservação, alguma oficina de tambor de Crioula?

Nielza: Sim, mas a gente tem dificuldade, tanto que o tambor tem poucas jovens, mas nós tomamos de conta. Às vezes dá vontade de dar uma *chapuletada* na venta deles, para eles entenderem que nossa cultura não é só o reggae. Porque aqui na Filipa nós temos três imagens, mais importante, é a barragem-piscicultura, a casa de farinha e o tambor de crioula.



Foto de Nielza Santos no Festejo de São Sebastião, 2017.

Acadêmica: Como foi a experiência de vocês irem para a África.

Nielza: Foi muito boa para nós. Nós ficamos muito emocionados, quando vimos nossa gente. E de lá nós trouxemos recursos para a melhoria de nossa comunidade, para que a gente tenha condições de melhor desenvolver os projetos da casa de farinha. O projeto CAMUMBÁ ajudará na construção de várias coisas aqui, em especial a construção de uma cisterna, porque aqui a água ainda é difícil pelo verão.

Acadêmico: A senhora sempre faz um versinho para quem chega na comunidade, como é isso?

Nielza: Não sei, é meio que *de veneta*, os versos vem na minha mente e eu falo. Foi um dom que recebi de Deus. Aqui já vieram várias pessoas, eu cheguei a entregar até um livrinho que eu tinha de versinhos para um homem que prometeu publica, mas até hoje nada. A única coisa publicada mesmo é do livro da dona Jucey que me entregou um exemplar sobre minha vida.



Acadêmica Pesquisadora entrevistando Nielza Santos, 2017.

Acadêmica: Vocês da Filipa já sofreram algum tipo de preconceito racial?

Nielza: Já. Sempre acontece, mas hoje em dia não tanto, porque nós levamos o nome de nossa comunidade e mostramos para as pessoas que ser quilombola é um orgulho muito grande. Eu chego nos eventos hoje e sou muito bem tratada, eles me levam para as mesas onde antes só ficava gente branca e formada, mas hoje mesmo que eu não sente na mesa, mas eles sempre me chamam para falar. Mas foi muito difícil quebrar esse preconceito.

Acadêmica: E o dia da Consciência Negra, vocês comemoram?

Nielza: Sim, a gente comemora com muito tambor de crioula e muita bebida, com reggae e muita dança. Às vezes os mais jovens bebem demais e querem *escangalhar* a festa, mas a gente faz de tudo para que não tenha confusão. Aqui na Filipa não damos lugar para as brigas porque somos todos irmãos.

5. ANÁLISE DA VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA EM FILIPA

Durante a entrevista, várias palavras foram utilizadas pela líder, e tais palavras serão, de maneira sintética, analisadas, pois é muito comum elas serem pronunciadas por pessoas mais velhas. O método utilizado foi o de entrevista com base naquilo que Fernando Tarallo afirma em seu livro *A pesquisa Sociolinguística*, que diz:

O propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados. De gravador em punho, o pesquisador-sociolinguista [...], deve coletar: 1. Situações naturais de comunicação linguística e 2. Grande quantidade de material, de boa qualidade sonora. (TARALLO, 2007, p.21).

Com base na citação acima, realizou-se a entrevista que, em seguida foi analisada e dela extraída as palavras que dificilmente são usadas no dia a dia. É importante salientar que o contexto histórico da comunidade foi à temática utilizada para se realizar a entrevista, tendo em vista que não se poderia utilizar a palavra Língua, para que a moradora do quilombo não viesse a se policiar diante de um acadêmico de letras, como afirma o autor acima citado. Assim, chegou-se as seguintes considerações abaixo:

BROCOXÔ - A palavra Brocoxô utilizada pela líder quilombola, para dizer que determinada pessoa estava triste e para baixo, possui sua origem na África, e aqui se salienta que o povoado de Filipa possui sua ancestralidade em tal continente, uma vez que a fundadora da comunidade descende diretamente de negros trazidos para o Maranhão para serem escravizados. Ora, isso explica a utilização de tal vocábulo, mesmo passado séculos e séculos da vinda dos escravos para o Brasil.

O site Norma Culta (2017) afirma o seguinte “BROCOXÔ (do quicongo Bolokotó)”, ora, basta uma pesquisa breve na internet e logo se saberá que quicongo é uma língua falada pelos bacongus que habitam no norte da Angola.

CEPO - a palavra Cepo, utilizada durante a entrevista, para designar um tronco, é bem antiga, na verdade ela é de origem latina *Cippus*.

De acordo com o site Origem da Palavra- Site de Etimologia (2017), diz que cepo é um: “marco ou defesa feita de troncos e galhos”; por extensão, ‘tronco’ [...]. O trabalho no cepo é conhecido pelo termo degolar”. Ou seja, em outras épocas o cepo era utilizado como instrumento de tortura. Todavia, tal objeto de madeira é muito mais antigo, tanto que a própria Bíblia Sagrada faz menção a esta peça. Ora, aqui observa-se que há na comunidade elementos da língua latina, a qual originou a língua portuguesa, mostrando que existe no povoado quilombola de Filipa a mão do europeu que colonizou o país e escravizou negros.

CHAPULETADA - Ao que a maioria das pessoas sabem, o termo chapuletada é uma porrada que geralmente é desferida no nariz de uma pessoa. Mas de acordo com o site Manezinho da Ilha, Chapuletada é um chá feito com muitas ervas. O site afirma que:

O manezês é a linguagem comum utilizada pelo manezinho do interior e comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina, pois encontram-se nestas localidades pessoas que, de pai para filho mantêm as mesmas tradições por serem descendentes dos imigrantes açorianos que fundaram estas comunidades.

Pode-se observar aqui a variação linguística acontecendo sem que as pessoas percebam. Crer-se que provavelmente a d. Nielza desconhece a utilização de chapuletada no sentido de bebida. Acredita-se que a maioria das pessoas que residem na cidade de Itapecuru-Mirim desconhece esse outro significado para tal palavra, pois como uma cidade do nordeste brasileiro, tal vocábulo diz respeito a uma pancada dada em outra pessoa. E ainda há diversas variações desta palavra. Ainda em Santa Catarina, Chapuletada é um prato típico da região que leva: “lulas, camarões, peixe branco e salmão grelhados no azeite e alho, servidos na chapa, com gomos de limão e pão de alho”.

Observa-se que chapuletada não significa apenas levar uma bordoadá, pode significar cardápio ou mesmo uma bebida dependendo da região em que tal vocábulo seja pronunciado.

PATOTA - a palavra patota é uma gíria que significa turma e/ou grupo, tem sua origem na África. Ou seja, mais uma vez, observa-se outro vocábulo africano no povoado Filipa.

Sem saber de onde veio tal palavra, os moradores pronunciam nomes que seus ancestrais trouxeram daquele continente; não apenas eles, mas também a maioria das pessoas que são alheias ao estudo da evolução das palavras ou da linguagem. Todavia, ainda encontram-se pessoas que pronunciam essa palavra, atentas apenas para seu significado.

Cabe aqui ressaltar algo importante, que durante este breve estudo linguístico, acabou-se descobrindo em relação a esse vocábulo. Na década de 70, a emissora de televisão Rede Globo exibiu uma novela cujo título era PATOTA. A novela foi a única escrita pela escritora Maria Clara Machado e possuía 101 capítulos. Talvez esta seja uma das razões para que o nome tenha se tornado uma gíria muito popular naquela época.

O enredo da trama exibida as 18:00h trazia:

As diferenças de classe e um sonho infantil são os destaques de *A Patota*. Juliana (Rosana Garcia), Vicente (Fábio Máximo), Pedro (Córis Júnior) e Tião (José Prata) são crianças que moram em uma vila em que convivem pobres e ricos. Elas desejam fazer uma viagem à África. A professora Neli (Débora Duarte), seu namorado Jorge (Mario Gomes) e o professor Simões (Marco Nanini) unem forças para ajudá-las a realizar esse sonho. (MEMÓRIA GLOBO, 2017).

O fato é que mesmo com o passar do tempo o nome continua a ser proferido nas patotas, tanto na comunidade Filipa, quanto em outras localidades. Difícil é alguém se lembrar da novela da rede Globo, pelo nome.

ABOLETADO - outra palavra antiga, proferida por d. Nielza foi aboletado. Esta palavra que significa ficar dentro de casa, trancafiado no quarto, segundo as pessoas, é de origem Italiana. Todos sabem que logo após os portugueses escravizarem os negros, os italianos chegaram ao Brasil para trabalharem no campo, nos cafezais e também nas plantações de uvas e algodão.

De acordo com o site de pesquisa Origem da Palavra- Site de Etimologia (2017) Aboletado que dizer:

Aboletado vem de boleto, uma ordem ou requisição para que se dê alojamento a uma pessoa do Exército. O militar, nesta situação, dizia-se aboletado em tal lugar. Boleto vem do Italiano BOLLA, “objeto redondo, bola, esfera”. Isso porque muitos documentos portavam, como certificadores, selos de cera ou lacre redondos.

Acredita-se que se se fizer uma pesquisa na comunidade Filipa e também na cidade de Itapecuru-Mirim, poucas pessoas vão saber que a origem de aboletado é boleto e que este se refere à figura redonda do lacre dos documentos. Percebe-se que além de variação linguística, existe aqui a evolução da palavra. É dessa maneira que se compreende a grandeza da língua portuguesa e a influência dos povos colonizadores do Brasil.

AFOITO - Tal vocábulo diz respeito à pessoa que é intrépida, que não teme a ninguém. Sobre essa palavra, o blog A Origem da Língua Portuguesa do escritor Fernando Rodrigues de Almeida (2017) diz:

A palavra, “afoito” deve provir do fenício “øpløit” [âflôite], que significa “ser atrevido a assaltar” ou “assaltar atrevido”. Nos dicionários habitualmente diz-se que a palavra “afoito” provém do termo latino “fautu-”, que é “favorecido”, participio passado de “favere” (favorecer, apoiar), o que não parece fácil de aceitar.

Ora, tendo em vista que a cidade de Itapecuru-Mirim, como outras partes do Brasil, recebeu povos fenícios, que hoje é a região onde está localizado o Líbano, é provável que esta língua tenha vindo com eles. É muito mais certo que ela tenha vindo realmente dos fenícios do que propriamente dos povos latinos. Aliás, na cidade de Itapecuru-Mirim existem muitas famílias que descendem diretamente dos libaneses e também dos sírios; crer-se que, além de afoito, há outras palavras oriundas desses povos e por uma falta de pesquisa ou busca de informação, as pessoas desconhecem, mesmo assim não deixam que elas venham a fenecer com o passar dos séculos.

CABEÇA DE PREGO – A expressão cabeça de prego na comunidade Filipa quer dizer furúnculo, um caroço que surge no corpo humano, uma infecção e geralmente há pus que causa muitas dores. Todavia, Pergentino L. Andrade,

organizador do livro *O idioma do Ceará* (2011, p.18) afirma sobre tal expressão: “Cabeça de prego - Pouco inteligente. (A cabeça só serve para levar pancada)”.

Fazendo a analogia da cabeça de um prego, que tem como finalidade única, levar pancadas para que o objeto venha a adentrar nos lugares, há um pouco de sentido na expressão ao se referir a alguém que não é muito inteligente. E aqui mais uma vez, se observa a variação linguística acontecendo diante da mesma expressão.

ESCANGALHAR - Muitas vezes, durante a mais tenra juventude, os avôs pronunciavam tal palavra para reclamar do brinquedo quebrado por seus netos. E de vez em quando uma pessoa mais idosa pronuncia para se referir a algo que foi despedaçado. Porém, tal palavra é pouco utilizada no dia a dia, mas na comunidade Filipa ela continua resistindo a mudança das gerações.

De acordo com *Origem da Palavra- Site de Etimologia* (2017) o vocábulo escangalhar que é de origem africana, “Vem de ‘cangalho’, no sentido de ‘coisa estragada, velha, inútil’, de ‘canga’, ‘peça de madeira usada para prender animais de tiro’, de origem desconhecida”.

Eis mais uma palavra de origem africana que se firmou no vocabulário do português brasileiro. Faz-se necessário então, se ressaltar as palavras de Bonvini (2008, p.142) onde ele fala:

Dessa visão de conjunto, destaca-se claramente que no português falado hoje no Brasil, os vocábulos emprestados das línguas africanas, pelo menos aqueles cujo empréstimo é mais antigo, foram submetidos a um profundo remanejamento tanto no plano formal quanto no plano semântico. Por isso eles se integraram totalmente ao português.

É exatamente isso que se observa na palavra acima, ela sofreu uma mudança no sentido da palavra, já que era “canga” e uma vez modificada ficou sendo utilizada no sentido de bagunça, de destroços, de destruição de algo e seus respectivos sinônimos.

SALSEIRO – Durante a entrevista com d. Nielza Santos, a palavra salseiro foi utilizada por ela em meio a sua explicação sobre a festa de reggae que acontece sempre comunidade pelo festejo de São Sebastião.

Salseiro como todos sabem significa confusão e também desordem. Contudo, de acordo com Origem da Palavra- Site de Etimologia (2017) “‘salseiro’ vem do Latim SALSA, “tipo de erva”, de SALLERE, “salgar”, de SAL, ‘sal’”. Ou seja, há só em uma palavra existem várias origens e dela também surgiram outras expressões; por exemplo: Salseiro é aquele que dança salsa, um ritmo afro-americano.

Ainda segundo o dicionário Michaelis (2017) salseiro significa “Chuva intensa, repentina e de pouca duração; aguaceiro, salseirada”. Mas esta palavra pouco é usada para este sentido, crer-se que poucas pessoas no povoado Filipa conhecem esse outro significado para esta palavra.

Embora este vocábulo seja pouco pronunciado quando se tem uma confusão, no quilombo de Filipa ela é bastante comum, mesmo não sendo de origem africana.

VENETA - a última palavra que se analisa é uma que surgiu com os imigrantes italianos. Segundo o site Dicionário formal (2017)

A palavra veneta é uma língua falada na Itália principalmente na região de Veneza, devido a mesclagem de letras e sons e muitas diferentes do italiano, surgiu a expressão “é de veneta”, ou seja, uma hora fala ou age de formas diferentes, com isso, fazendo alusão as diferenças desses dialetos: vêneto, italiano veneziano e o italiano padrão.

Essa expressão que é utilizada não apenas na Filipa, mas também por pessoas mais idosas serve para dizer que alguém decidiu fazer algo de uma hora para outra, repentinamente, sem planejamento ou aviso prévio. E é mais um vocábulo deixado pelos primeiros italianos que vieram para o país.

Essa junção de línguas de outros países, de palavras de povos que decidiram residir nestas plagas, permite um enriquecimento do vernáculo português brasileiro. E que devido a isso temos uma grande variação linguística, e mesmo que tal variação venha de certa forma a separar estados, pelos seus diferentes significados, a gramática sempre estará presente para garantir a compreensão e o

entendimento do termo ou da palavra. Cabe aqui se ressaltar as palavras de Ilari (2012, p.60):

Ao longo de 500 anos de história, a situação linguística do Brasil foi supercomplexa, pela presença das línguas indígenas (desde sempre), do português dos colonizadores, das línguas faladas pelos escravos africanos (a partir de 1532) e, depois, das línguas europeias e asiáticas faladas pelos imigrantes. No processo de implantação do português no continente sul-americano, encontramos praticamente todas as situações de contato linguístico possíveis.

Destarte, cada palavra que pouco se utiliza na comunidade de Filipa, possui suas origens das múltiplas culturas que adentraram no Brasil e que ainda hoje continuam a influenciar na maneira do povo se expressar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se, ao final desta pesquisa, que conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, desfazendo-se de qualquer tipo de discriminação, seja ela cultural, econômica de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

As mudanças que ocorrem cotidianamente faz com que a língua esteja sempre se modificando e adquirindo outro contexto, outro sentido de acordo com quem se está falando ou sobre o que se está falando. Apesar de mesmo assim, manter-se conectada com suas raízes epistemológicas.

No contexto social de cada indivíduo, essa mudança ocorre com frequência, e muitas vezes, essa metamorfose linguística acaba passando despercebida das pessoas. Daí pode-se compreender a frase: “a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no tempo e no espaço, mas sim um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo” Bagno (2008, p. 136).

Logo, cada região possui suas expressões peculiares de suas comunidades, e o Estado do Maranhão não poderia ser diferente, principalmente no interior, onde o nível educacional ainda está abaixo do esperado. Na variação social, algumas palavras pertencentes a determinados grupos não podem ser ignoradas pelo simples fato de falta de escolarização e nem taxadas como sendo expressões erradas.

De acordo com Mussalim & Bentes (2006, p. 34) “A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala”. Ou seja, o falante de determinado lugar possui suas expressões, sua forma de falar, utilizando vocábulos que geralmente são mais utilizados onde ele vive do que propriamente em outro.

Em se tratando das regiões Norte e Nordeste, as variações sempre ocorrem com as pessoas que possuem um nível de escolaridade menor ou

praticamente nenhum. O problema é que, quem não a conhece variação linguística acaba cometendo preconceito linguístico com estas pessoas.

Portanto, entende-se que conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, desfazendo-se de qualquer tipo de discriminação, seja ela cultural, econômica de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Na verdade, a variação sociolinguística deveria ser mais estudada para poder ser compreendida, especialmente as de comunidades rurais, que costuma guardar as expressões e palavras passadas de geração a geração. A riqueza sociolinguística do Brasil é gigantesca, o que proporciona o enriquecimento do vocabulário luso-brasileiro. Por isso a necessidade de estudos linguísticos que visem compreender as variações que há nas comunidades, tanto rural quanto urbana.

No Estado do Maranhão também há essas variações de linguagem social, principalmente em comunidades quilombolas ou remanescentes de quilombos. Até os próprios acadêmicos dos cursos de letras, pouco se importam em produzir trabalhos nessa linha. As academias de letras também não dão muita importância ao estudo linguístico, poucos são os imortais em nível de Brasil que se debruçam sobre o estudo da sociolinguística.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial; 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2008.
- BONVINI, Emílio. **Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil**. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CAMACHO, R., G. **A variação linguística. In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus**. São Paulo, SE/CENP. 1988.
- CALVET, Louis-Jean. **Tradição Oral e Tradição Escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **Sociolinguística**: Letras/Libras. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/sociolinguastica_1330351479.pdf. Acesso em: 20 Ago 2017.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 1 – TP1: linguagem e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1976.
- GUY, G.R.; ZILLES, A.M.S. **O ensino da língua materna: uma perspectiva sociolinguística**. *Calidoscópico*, 2006.
- ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2012.
- LUCCHESI, Dante. **Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro**. *Revista da ABRALIN*. 2006.
- MAIA, C. Linguística Histórica e Filologia. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J.ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. **linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística In: **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). Introdução. In: _____ . **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2006.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Varição e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, 1991.

NERES, José e BARROS, Lindalva. **Maranhão na ponta da língua: palavras e expressões do vocabulário maranhense**. São Luís: Edição Virtual, 2011.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. Trad. Clóvis Barleta de Moraes. **Alfa**, São Paulo, 1984.

SANTANA, Jucey. **Itapecuruenses notáveis**. São Luís: 360° Gráfica e Editora, 2016.

SILVA, José Domingos Cantanheide. **A etnicidade no combate a pobreza rural**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro: 2009.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/cepo/>

<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=yVep5>

<http://www.manezinhodailha.com.br/Manezario.htm>

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/a-patota/trama-principal.htm>

<http://fernando-outroladodahistoria.blogspot.com.br/2014/10/palavrasportuguesas-de-origem-fenicia-o.html>